



Revisão Sistemática: Prevenções ao Uso Abusivo de Drogas no Contexto Escolar Brasileiro

*Vilkiane Natércia Malherme Barbosa¹; Tadeu Lucas de Lavor Filho²;
James Ferreira Moura Júnior³; Alexandro Rodrigues Pinto⁴; Luciana Sepúlveda Köptcke⁵*

Resumo: O objetivo é apresentar uma revisão sistemática da literatura científica que busca compreender a partir da literatura levantada quais as concepções e/ou estratégias que têm sido desenvolvidas a respeito da prevenção de álcool, crack e outras drogas em contexto escolar com adolescentes e os fatores de risco envolvidos ao uso. Pela base BVS e Periódico Capes (2006-2016), a partir de critérios de inclusão/exclusão, foram recuperados e analisados 19 trabalhos. Os estudos abordam os fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas e a relação destes com as abordagens realizadas em contexto escolar em relação às drogas, a partir de ações de Educação em Saúde. Entre as principais contribuições apresentadas estão possibilidades de intervenções ancoradas em métodos interventivos para a promoção em saúde com enfoque na participação ativa dos adolescentes. Constatou-se a necessidade de investimento em processos contínuos de educação em saúde que incluam a formação de professores para atuação na temática de drogas.

Palavras-chave: Drogas; Educação; Educação em saúde; Escola.

¹ Mestra e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Ceará, Brasil. vilkimalherme@outlook.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3048-9316>.

² Mestre e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza- Ceará, Brasil. tadeulucaslf@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2687-1894>

³ Doutor em Psicologia pela *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* (UFRGS). Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) e da Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza- CE, Brasil. james.mourajr@unilab.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0595-5861>.

⁴ Graduação em Odontologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é *Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG)* do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Pesquisador da Fundação Oswaldo Cruz. Brasília, Distrito Federal, Brasil. alexandro.pinto@fiocruz.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9270-2760>.

⁵ Graduação em Licenciatura em Educação Artística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Diploma de Estudos Avançados Em Museologia pelo Muséum National D'histoire Naturelle e Doutorado em Museologia pelo Muséum National D'histoire Naturelle. Atualmente é pesquisadora da Fundação Oswaldo Cruz. Brasília, Distrito Federal, Brasil. luciana.koptcke@fiocruz.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7079-6575>.

Systematic Review: About Drug Abuse Prevention in the Brazilian School Context

Abstract: The aim of this study was to present a systematic review that seeks to understand, from the scientific literature, which conceptions and / or strategies have been developed in the prevention of alcohol and other drugs in the school context with adolescents and the related risk factors. Based on the VHL and Periódico Capes database (2006-2016), based on eligibility criteria, 19 studies were retrieved and analyzed. The studies address the risk and protection factors related to drug use and the relationship with approaches carried out in the school context on drugs, based on Health Education actions. The main contributions presented are interventions anchored in interventional methods for health promotion with focus on the active participation of adolescents. There was a need to invest in continuous health education processes that include the training of teachers to work on drugs.

Keywords: Drugs; Education; Health education; School.

Introdução

A Educação em Saúde com foco na prevenção do uso de drogas têm sido objeto de investigações nas mais diversas interfaces do cuidado em saúde, visando, sobretudo, o bem-estar individual e comunitário (BRASIL, 2005). E se tratando do contexto escolar, essas pesquisas têm sido consideradas prioritárias, pois o território educacional é um espaço privilegiado para atuação junto à prevenção de álcool, de crack e de outras drogas, por possibilitar uma abordagem multidimensional e ser lugar socialmente legitimado como instituição formativa (BARROS; COLAÇO, 2015; BACKES et al., 2014).

Além disso, é na escola que um dos grupos mais relevantes para a prevenção de drogas se encontra: os adolescentes/jovens, o que ganha relevância considerando os dados que apontam uma elevação no consumo de drogas lícitas e ilícitas entre esse grupo etários (VIERO et al., 2015; CARLINI et al., 2010). Esta faixa etária tem sido considerada prioritária para ações preventivas, por ser a fase em que geralmente se inicia o uso de drogas, como também, por reconhecidamente um período de maior propensão ao risco (BACKES et al., 2014). Estes, por sua vez, têm causas externas e internas, sendo, portanto, considerados biopsicossociais (NASCIMENTO; DE MICHELI, 2015). Ademais, há que se considerar também as implicações psicossociais e cognitivas que o consumo precoce de drogas pode fomentar nos adolescentes, tais como: abandono e/ou atraso escolar, problemas relativos ao comportamento, prejuízos na memória, atenção, dentre outros (ARALDI et al., 2012; LEPRE; MARTINS, 2009; PEDROSA et al., 2015).

Portanto, consideram-se as ações de prevenção a uso álcool e outras drogas entre os adolescentes/jovens primordiais. Alguns estudos identificam que investir em prevenção nesta fase da vida pode fomentar uma melhor qualidade de vida a médio e longo prazo (NASCIMENTO; DE MICHELI, 2015; MONTEIRO et al., 2016). O papel do/da educador/a como ator/atriz fundamental nas intervenções com escolares é pontuado por alguns estudos, tendo sido reconhecida a maior eficácia das intervenções desses em relação à outros grupos profissionais (MOREIRA et al., 2006; PAVANI et al., 2009; MCBRIDE et al., 2004). Ante a importância do papel dos profissionais da educação na prevenção do consumo abusivo de drogas, é preciso que haja investimentos na formação desses atores para atuarem como agentes promotores da saúde (MONTEIRO et al., 2016). Entretanto, percebe-se fragilidades na formação dos/das educadores/educadoras no tema para atuar de forma ativa no processo – como a presença de discursos inadequados com distorções a respeito das realidades sociopsicológicas vividas pelos estudantes –, o que, por vezes, os levam a terem leituras baseadas no senso comum que acarretam concepções deturpadas e errôneas sobre as abordagens em relação às drogas (FERREIRA et al., 2010).

Assim, identificar essas diversificadas perspectivas de atuação na prevenção do uso abusivo de álcool e outras drogas pode fomentar relevante pistas para a implantação e/ou fortalecimento de projetos e ações, que envolvem vários aspectos e diversos setores e atores numa perspectiva de atuação sistêmica filiada à redução de danos, e mais resolutiva (MONTEIRO et al., 2016). Neste sentido, esta revisão sistemática busca compreender a partir da literatura levantada quais as concepções e/ou estratégias que têm sido desenvolvidas a respeito da prevenção de álcool, crack e outras drogas em contexto escolar com adolescentes e os fatores de risco envolvidos ao uso.

Coleta de dados

Tomou-se como estratégia metodológica a revisão sistemática da literatura. Inicialmente, para construção da revisão realizou-se uma pergunta de partida, que pudesse orientar a análise, sendo estas: *Quais as percepções teóricas e práticas na educação que têm sido desenvolvidas em contexto escolar na prevenção do uso abusivo de álcool e outras drogas? Qual a relevância da educação em saúde na prevenção de drogas no contexto*

escolar? Estes dois questionamentos são correlacionados e suas problemáticas são relevantes para esta revisão.

No segundo momento, foram realizadas pesquisas em duas plataformas de pesquisas distintas, sendo estas o Periódico Capes e a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), no dia 08 de dezembro de 2020. Para ambas as bases foi considerado o recorte temporal de dez anos, a contar do ano em que foi aprovada a lei n.11.343/2006 que institui o SISNAD (Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas) (BRASIL, 2005). Assim, o período considerado vai de 2006 a 2016. Foi utilizado os descritores booleanos *AND* e *OR* para recuperar os artigos nas plataformas e aspas entre os descritores, “Drogas” *AND* “Educação em Saúde” *AND* “Escola” *OR* “Educação”. A escolha pelas plataformas foi por ambas agruparem outras bases de dados, possibilitando maior diversidade de produções. As bases selecionadas tiveram como critério estudos desenvolvidos no Brasil e com proximidades com as temáticas, sendo estas: *ScieELO Public Health; ScieELO Brazil; Lilacs; Coleciona SUS*. O quantitativo de arquivos recuperados nas duas plataformas, foi de 1.592 no periódico CAPES e 4.499 na BVS, somando 6.091.

Considerou-se, então, a seleção pelas bases supracitadas, tendo, inicialmente um primeiro filtro, artigos que tivessem passado por correção de pares que no periódico CAPES resulta em 342 arquivos e na plataforma BVS em 396. A fim de refinar a busca e acrescer mais rigor científico foi considerada a inclusão apenas dos manuscritos com revisão por pares, assim no periódico CAPES temos, então, um total de 326 arquivos. Em relação a BVS entendemos como relevante adicionar como filtro os trabalhos completos, totalizando assim 232 arquivos. Em ambas as plataformas priorizamos os arquivos em português. Neste sentido, para leitura de títulos e resumos, conforme preconiza a recomendação Prisma de revisão sistemática, foram considerados 661 artigos.

Critérios de elegibilidade dos estudos

Neste momento da pesquisa utilizou-se a recomendação Prisma para filtrar os artigos a partir dos seguintes elementos: títulos, resumos e palavras-chaves. A recomendação Prisma também pressupõe como passo importante para a criticidade da revisão, a análise de juízes, assim, definiu-se dois juízes para realizar a leitura dos elementos supracitados às cegas, com o objetivo de incluir os estudos que fazem parte do *corpus* definitivo de análise (LIBERATI et al., 2009). Apontamos como critérios de inclusão, as contribuições que tecem em seus

manuscrtos contribuições sobre a interface educação em saúde na prevenção do uso abusivo de álcool, crack e outras drogas em contexto escolar como elemento central da discussão e com método de caráter interventivo. Já os critérios de exclusão são os seguintes: a) produções que não são desenvolvidas em contexto escolar; b) produções que não possuem como público alvo adolescentes/jovens; c) revisões sistemáticas e ensaios teóricos; d) produções que não tem a temática da prevenção às drogas como centrais; e) produções em contextos estrangeiros (fora do Brasil); f) textos em outras línguas que não o português; e g) trabalhos sem discussão analítica sobre “educação em saúde” e “prevenção ao uso abusivo de drogas”.

Após análise dos juízes e autores deste manuscrito, o *corpus* dos artigos contabiliza 24 artigos. Contudo, identifica-se duplicidade de artigos, uma vez que foram utilizadas bases distintas, assim, restaram 22 artigos para análise completa dos textos. Na leitura completa foram excluídos mais três artigos, e os motivos para exclusão foram não apresentarem discussões sobre prevenção às drogas, e, no caso de um desses excluídos, a exclusão ocorreu pela repetição da discussão, amostra e viés de análises de dois trabalhos específicos. Desta forma, 19 artigos compõem o *corpus* e constam na apresentação dos resultados. Diante disso, entende-se como relevante apresentar as apostas teórica-metodológicas e campos de estudo dos artigos em análises, e a partir dos achados buscar evidências que auxiliem a compreendermos nossas questões de estudo que intersecciona educação em saúde e prevenção de drogas.

Resultados e Discussões

Dos 19 artigos, identifica-se que 47,3% desses artigos utilizam abordagem metodológica qualitativa ($n= 9$), 37% quantitativa ($n= 7$) e 15,7% optaram por métodos mistos ($n=3$). A partir da estratificação dos artigos quanto à filiação institucional dos e das autoras, é possível verificar a seguinte distribuição: Nordeste ($n=5$), Norte ($n=0$), Centro-Oeste ($n=2$), Sul ($n=5$), Sudeste ($n=7$). Há uma distribuição equilibrada do número de artigos recuperados entre as plataformas utilizadas, com uma ligeira maioria de trabalhos pela BVS ($n=10$). Quanto ao ano de publicação, não foi encontrado, segundo os critérios utilizados, trabalhos referentes aos anos de 2008 e 2013. Importante destacar também, que os sujeitos de análises em sua maioria foram os estudantes de escolas públicas, alvo das intervenções em educação em saúde. Contudo, não apenas estes foram considerados, como também os

professores, numa perspectiva de avaliação e/ou formação destes para atuação na temática de drogas.

Entende-se como importante também apresentarmos quais os objetos e ferramentas metodológicas escolhidas pelos estudos em análise. Observa-se, a partir da Tabela 1, que os estudos que compõem o *corpus* da presente revisão lançaram mão de uma variedade de instrumentos metodológicos. Importante destacar também, que os sujeitos de análises em sua maioria foram os estudantes de escolas públicas, alvo das intervenções em educação em saúde. Contudo, não apenas estes foram considerados, como também os professores, numa perspectiva de avaliação e/ou formação destes para atuação na temática de drogas (Tabela 1).

Tabela 1 - Objetos e ferramentas metodológicas dos artigos selecionados

AUTORES	FERRAMENTAS METODOLÓGICAS	PARTICIPANTES DO ESTUDO	PERIÓDICO	ANO
Barros e Colaço	Oficinas; Grupo de discussão; diário de campo; observação participante	Estudantes de escolas públicas	Educação & Realidade	2015
Moreira, Silveira e Andreoli	Entrevista semiestruturada; diário de campo; e análises de documentos (Projeto Pedagógico das escolas)	Coordenadores educacionais	Rev. Saúde Pública	2006
Nascimento e De Micheli	Oficinas; questionários	Estudantes de escolas públicas	Ciência & Saúde Coletiva	2014
Souza e Silveira Filho	Questionários	Estudantes de escolas públicas	Rev. bras. epidemiol.	2007
Backes et al.	Questionários	Estudantes de escolas públicas	Ciência & Saúde Coletiva	2014
Ferreira et al.	Entrevista semiestruturada	Professores de escolas públicas	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	2010
Monteiro et al.	Questionários	Professores, coordenadores pedagógicos e diretores	Estudos de Psicologia (Natal)	2016
Lepre e Martins	Questionário/Teste	Estudantes de escolas públicas	Paideia	2009
Araldi et al.	Entrevistas semiestruturadas e grupos focais; observação participante; e análises de documentos (Projeto Pedagógico das escolas)	Professores de escolas públicas e privadas	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	2012

Oliveira, Soares e Silva	Oficinas	Estudantes de escolas públicas	Revista Gaúcha de Enfermagem	2016
Viero et al.	Questionários/ Oficinas	Estudantes de escolas públicas	Escola Anna Nery	2015
Pedrosa et al.	Oficinas	Estudantes de escolas públicas	Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro	2015
Leite et al.	Questionário	Estudantes de escolas públicas	Saúde e Sociedade	2012
Giacomozzi et al.	Questionário	Estudantes de escolas públicas	Revista Enfermagem UERJ	2012
Lopes et al.	Dinâmicas em grupo	Estudantes de escolas públicas	Revista Rene	2011
Sousa e Machado	Formulário e Oficinas	Professores de escola pública	Cogitare Enfermagem	2014
Silva et al.	Oficinas	Estudantes de escola pública	Escola Anna Nery	2010
Moreno, Ventura e Brêtas	Questionário	Estudantes de escola pública	Revista Paulista de Pediatria	2009
Dal Pizzol et al.	Questionário	Estudantes de escolas públicas e privadas	Cadernos de Saúde Pública	2006

Fonte: elaborada a partir de dados da pesquisa.

Vale pontuar que o consumo de drogas é transversal a própria história, contudo, tem se notado a partir de indicadores que há um aumento do uso abusivo de drogas. E isto tem efeitos nocivos e vem trazendo prejuízos às pessoas, especialmente aos adolescentes, que vão desde mudanças comportamentais nos sujeitos ao aumento de casos de violências nos contextos sociais (PEDROSA et al., 2015; MORENO et al., 2009).

Uma das problemáticas envolvidas ao uso de drogas por adolescentes é que o consumo abusivo pode diminuir a percepção de perigo, fazendo com que pessoas usuárias se tornem mais vulneráveis a situações arriscadas, que podem envolver situações de violência, sexo sem proteção, dentre outros (GIACOMOZZI et al., 2012). E um dos fatores de risco para experimentação e consumo de drogas lícitas e/ou ilícitas identificados é o pouco conhecimento crítico sobre as drogas por parte dos adolescentes, cuja causas podem estar

relacionadas a falta de diálogo com a família, a limitação da escola e/ou de professores em abordarem a temática e as relações entre pares (VIERO et al., 2015).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), alguns fatores se relacionam ao uso de drogas por adolescentes, sendo os mesmos: os que são mal-informados e/ou com informações inadequadas; com acesso facilitado às drogas; com a saúde fragilizada; os que estão insatisfeitos com sua atual qualidade de vida; e os que possuem personalidade mais vulnerável (GIACOMOZZI et al., 2012).

Barros e colaboradores (2017) apontam, a partir dos resultados obtidos em seu estudo, que o consumo de álcool entre adolescentes ocorre de forma precoce, iniciando por volta dos 13,6 anos de vida. As possíveis causas para este fenômeno são motivadas por múltiplos fatores que perpassam a curiosidade, a influência de pares e pela falta de informação sobre as perdas e prejuízos ocasionados pelo uso destas substâncias (tanto físicas, quanto sociais e familiares). Para Moreno et al. (2009) as influências sociais de amigos e do ambiente familiar são grandes determinantes para o início precoce do consumo de drogas lícitas, assim, como fatores externos relacionados aos territórios de moradia destes, como as violências, desemprego e exclusão social e internos relacionados a recreação.

Já, segundo Silva et al. (2010), a partir dos resultados obtidos em seu estudo, os principais fatores referenciados pelos estudantes partícipes do estudo, para o uso de drogas na adolescência são: curiosidade; desinformação; insegurança; insatisfação com os modos de vida atuais; frustração; despersonalização e acesso facilitado. Para Giacomozzi et al. (2012) e Schenker e Minayo (2005), o uso abusivo de drogas na adolescência também pode ser lido como uma forma de lidar com as problemáticas da vida, que nesta fase de transição entre infância e vida adulta, requer e/ou provoca muitas mudanças de comportamentos e nas interrelações sociais e familiares, podendo estas serem fatores de risco para o consumo.

Alguns fatores de proteção para prevenção do uso de drogas entre os adolescentes e que podem diminuir o risco são investir em atividades atrativas aos jovens, interação e diálogos com as famílias, participação em atividades religiosas, esportivas e escolares (SILVA et al., 2010). Moreno et al (2009) também pontua que um dos fatores de proteção contra o uso de drogas se relaciona ao ambiente familiar, facilitando diálogos como práticas comuns entre pais e/ou responsáveis e seus filhos, estabelecendo limites coerentes e explícitos, supervisão e apoio às atitudes e decisões dos adolescentes.

Os fatores externos e internos de vulnerabilidade em relação ao uso abusivo de drogas lícitas e ilícitas se tornam relevantes para a compreensão do fenômeno no público

adolescentes. As drogas em associação com estes fatores podem ser bastante atrativas aos adolescentes, por se apresentar como potencialmente estimulante de desafios, de novas emoções e descobertas, da inserção social entre os grupos de adolescentes, e segundo, a percepção destes sujeitos, uma possibilidade de autoafirmação social (LOPES et al., 2012). Além disso, como pontua Moreno et al. (2009), quanto mais precoce for o início do consumo de drogas, mais prejuízos à saúde podem ser fomentados aos sujeitos que fazem uso, e que isso é um ponto de atenção aos adolescentes, porque a média de idade para início do uso de álcool vem caindo.

Contudo, é importante considerar que apesar dos adolescentes se apresentarem como vulneráveis ao uso abusivo de drogas, é possível estabelecer ações e estratégias de promoção à saúde e prevenção aos riscos, que instrumentalizam estes sujeitos para autonomia e para tomada de consciência crítica. Assim, é importante analisar as abordagens realizadas em relação às drogas junto a este público e suas especificidades no ambiente escolar.

Os estudos analisados apontaram distintas possibilidades de intervenção em relação ao uso abusivo de álcool, crack e outras drogas. Desde perspectivas mais sistêmicas que incluíam uma percepção mais voltada à redução de danos (BARROS; COLAÇO, 2015; FERREIRA et al. 2010; ARALDI et al. 2012; PEDROSA et al. 2015), até visões mais estigmatizantes do uso abusivo e dos sujeitos envolvidos (LEPRE; MARTINS, 2009; BACKES et al., 2014; GIACOMOZZI et al. 2012).

Uma das principais questões para uma abordagem preventiva e de promoção à saúde são as estratégias de informação, que necessitam de cautela, para que não despertem curiosidades ao consumo e/ou a iniciação precoce, sendo um fator protetivo quando realizadas de forma completa, correta, considerando prazeres momentâneos e efeitos negativos que podem ocasionar angústias e outros sofrimentos (VIERO et al., 2015). OLIVEIRA et al (2016) consideram que para que as ações preventivas sejam mais efetivas elas necessitam reconhecer outras linguagens, para além da oral e da escrita, que sejam provocativas, indagativas e curtas, utilizando de variadas possibilidades de comunicação.

Viero et al. (2015) apontam que ações de prevenção para serem efetivas necessitam serem contínuas, com conteúdo e métodos diversos, que dialoguem com as características das realidades vividas, incluindo um processo de avaliação e monitoramento de mudanças comportamentais e/ou autoconhecimento via aquisição de conhecimentos para a melhoria da qualidade de vida. Neste sentido, a escola aparece como instituição relevante para o desenvolvimento de ações em educação em saúde para a prevenção do uso abusivo de drogas,

pois é um local frequentado diariamente pelos adolescentes, sendo também reconhecidamente uma instituição propulsora de conhecimentos (PEDROSA, et al., 2015).

Um dos fatores que se destacam é a participação de professores enquanto facilitadores de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas é que estes reconhecem a importância de tais ações preventivas. Moreira e colaboradores (2015) ressalta que além de os professores terem conhecimentos acerca do tema, em geral, filiam-se a concepções de educação que se alinham a processo libertadores e democráticos.

Araldi et al. (2012) aponta que o perfil de professores que, geralmente, possuem iniciativas de ações preventivas são os que têm mais disponibilidade à realidade social dos adolescentes; e maior capacidade de escuta e dialogicidade com os adolescentes, pais e com outros professores(as). Estes mesmos autores consideram que estes educadores têm em seus discursos e práticas conceitos mais amplos e críticos acerca das drogas, de adolescência e família, o que potencializa ações preventivas mais holísticas. Esta realidade também aponta muitas despreparo formativo desses docentes, e por isso, acabam terceirizando o trabalho de prevenção a outros profissionais (ARALDI et al., 2012).

A terceirização da educação em saúde quando se trata de drogas é fundada pela representação social dos professores acerca do fenômeno e do usuário, muitas vezes visto o consumo como doença e o adolescente envolvido hora como vítima e hora como delinquente. Portanto, segundo esta concepção, a questão da droga orbitaria no campo da saúde ou da segurança pública, não cabendo a escola papel que não o de encaminhamento (MOREIRA et al, 2015).

Uma das dificuldades dos e das educadoras em relação ao desenvolvimento das ações de prevenção às drogas se ancora no declínio do reconhecimento da escola enquanto instituição formativa de cidadania e os meios eletrônicos e digitais que cada vez mais competem na busca de legitimidade social da função de formação da escola por meio da publicação de informação (ARALDI et al., 2012). SILVA et al. (2010) também corroboram esta ideia e apontam que um dos fatores de risco para o uso de drogas, especialmente as lícitas, pelos adolescentes é a influência das propagandas midiáticas e comerciais, que favorecem o consumo precoce e disseminado.

Outra questão relevante são as parcerias intersetoriais que as escolas dispõem ou não para a atuação junto à prevenção às drogas (FERREIRA, et al., 2010). Estas dependem de relações interpessoais, de conhecimento sobre as redes socioassistenciais do município e do território da escola, de parcerias com ONG'S, grupos comunitários, dentre outros

(MONTEIRO, et. al., 2016). As ações cooperativas, por vezes, não são articuladas pelos próprios municípios, fragilizando o trabalho em rede, que não raramente se reduz à encaminhamentos (ARALDI, et al., 2012).

Uma das dificuldades também se relaciona a uma percepção cultural do que é considerado droga ou não, isto incide mais especificamente no consumo de álcool que, por vezes, é naturalizado, entendendo-se como problemático apenas o consumo de drogas ilícitas (PEDROSA, et al., 2015). O uso de álcool é validado e estimulado socialmente, a partir de propagandas midiáticas, sendo um desafio o diálogo junto aos adolescentes e espaços ocupados por estes sobre a prevenção ao uso por este ser legitimado socialmente (LOPES et al, 2012).

A educação sobre drogas tem excluído a participação dos jovens e sem estes não é possível o processo de criação de mensagens e atividades educativas efetivas (OLIVEIRA et al., 2016). Leite et al (2014) apontam, a partir dos resultados do seu estudo, que não há a consulta direta aos adolescentes sobre as temáticas desenvolvidas no âmbito da educação em saúde, o que fragiliza a adesão destes às ações e a incorporar os hábitos relativos a estas em seus cotidianos.

Uma estratégia que tem sido apontada para pensar a construção de ações preventivas junto a adolescentes, incluindo e fortalecendo estes para atuarem como atores ativos nas mudanças sociais, é a pesquisa-ação emancipatória (PAE), de caráter crítico, desvendando as causas envolvidas nas problemáticas e fomentando estratégias de intervenção sobre estas ancoradas nas realidades vividas (OLIVEIRA et al., 2016).

Para Viero et al. (2015) as ações em educação em saúde são mais efetivas quando incluem métodos mais dialógicos, em espaços que fomentem trocas de experiências e reflexões críticas sobre práticas a partir de vivências e de relacionamentos com familiares, grupos de amigos, dentre outros. Pedrosa et al. (2015) também considera que estratégias que propõem a dialogicidade entre os adolescentes são mais efetivas, pois facilitam com que estes possam produzir reflexões sobre as drogas a partir de suas realidades. Sendo uma das possibilidades destacar as drogas que estão mais próximas dos sujeitos, e as que são mais consumidas por pares, familiares, amigos, dentre outros, para que estes possam conviver com a realidade que lhes é apresentada de forma mais crítica e fazerem escolhas conscientes e autônomas (PEDROSA et al., 2015).

Neste sentido, para o processo de educação em saúde é de extrema importância a comunicação, a qual deve consistir em um movimento que facilite a construção de habilidades

e competências dialógicas das realidades vividas pelos adolescentes, para que estes possam realizar escolhas a partir de uma consciência crítica, os tornando agentes ativos deste processo (LEITE et al., 2014; LOPES et al., 2012). O que inclui a intervenção educativa junto aos professores, pois esta pode fomentar maior conhecimento sobre as tipificações de drogas e seus efeitos, como também, fomenta outras possibilidades de intervenção por partes destes que instrumentalizados podem facilitar outras possíveis ações para a promoção da saúde (SOUSA; MACHADO, 2011).

A educação em saúde tem sido um espaço de prática da prevenção ao uso abusivo de drogas. A educação em saúde é o campo de interface entre as ações de prevenção e promoção à saúde no âmbito escolar. Ela tem caráter interdisciplinar com território de atuação de múltiplos atores/atrizes. Ela emerge do referencial teórico-metodológico da Saúde Coletiva, que enquanto campo de construção teórico-metodológico se torna um âmbito de atuação privilegiado para prevenção de drogas, pois percebe as drogas como fenômeno imbuído ao processo social, que se materializa de diversificadas formas em contextos específicos e em suas linguagens particulares de grupos, que devem ser consideradas nas atividades educativas (OLIVEIRA et al., 2016).

Considerações Finais

A partir das análises apresentadas conclui-se a relevância de se discutir sobre a atuação dos e das educadoras/es junto a prevenção do uso abusivo de drogas no contexto escolar. Como também, é importante destacar que o reconhecimento do papel deste profissional junto à prevenção nem sempre vem acompanhado de estratégias de capacitação/formação a estes para atuação junto a esta temática. As informações sobre uso e abuso de drogas são consideradas por estes profissionais, um desafio, tanto pelos múltiplos fatores envolvidos no uso abusivo, quanto pela falta e/ou ineficiência de habilidades e competência para lidar com a problemática.

É perceptível a resistência à temática por parte dos docentes, que vão desde o medo e a insegurança em lidar com a temática a estereótipos e representações sociais estigmatizantes sobre o tema das drogas. A problemática do uso abusivo de drogas lícitas e/ou ilícitas tem sido relevante para pensar ações de intervenção no âmbito da educação em saúde no ambiente escolar junto a adolescentes. Contudo, tem sido desafiador refletir sobre os fatores de risco e proteção envolvidos a isto, para definir e fomentar abordagens mais efetivas em relação às

drogas, que possam atuar junto aos adolescentes para facilitar a tomada de consciência e autonomia destes.

Os caminhos apontados como possíveis para abordagens em relação à droga mais efetivas têm sido relacionados às ações de educação em saúde focadas na promoção da saúde e em métodos dialógicos que incluam os adolescentes como partícipes destas ações. A partir de abertura a discussões coesas e explícitas, podem-se demonstrar os aspectos das drogas ancorados nas realidades vividas. Não se deve ter a intenção de estigmatizar o uso apenas como perigoso e ruim, visto que, nos contextos experienciados a estes adolescentes estes podem ter acesso a outras perspectivas. E desta forma, podem desvalidar os conhecimentos obtidos na escola.

A escola, entretanto, aparece como instituição relevante para atuação junto aos adolescentes em relação à prevenção às drogas. Contudo, não pode ser a única responsável pelas ações, sendo necessária a atuação junto às famílias, comunidades, e demais instituições que atuam neste âmbito, especialmente as de saúde, com destaque a Estratégia de Saúde da Família, pelo caráter territorial que apresenta.

Por fim, entende-se que investir em processos formativos e em ações intersetoriais podem fomentar ações mais efetivas em relação às drogas que necessitam ser contínuas e dialógicas para maior efetividade. Como fragilidades da revisão, se destaca não ter incluído trabalhos do ano de 2017 até o momento atual, que poderiam ter apresentado alguns avanços em aspectos teóricos, como também a ampliação de termos de buscas (descritores).

Referências

ARALDI, J. C., et al. Representações sociais de professores sobre o uso abusivo de álcool e outras drogas na adolescência. **Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied**, v.16, n.40, 2012 p.135–146. <https://doi.org/10.1080/00223980.1975.9923929>

BACKES, D. S. et al. Indicadores de risco associados ao consumo de drogas ilícitas em escolares de uma comunidade do sul do Brasil. **Ciencia e Saude Coletiva**, v.19, n.3, 2014, p. 899–906. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014193.00522013>

BARROS, J. P. P.; COLAÇO, V. de F. R. Drogas na Escola: análise das vozes sociais em jogo. **Educação & Realidade**, v.40, n.1, 2015, p.253–273. <https://doi.org/10.1590/2175-623644605>

BRASIL. **Política Nacional sobre Drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

CARLINI, E. L. et al. VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas

entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras – 2010. In **CEBRID** v.1, n.1.

GIACOMOZZI, A. I., et al. Levantamento sobre uso de álcool e outras drogas e vulnerabilidades relacionadas de estudantes de escolas públicas participantes do programa saúde do escolar/saúde e prevenção nas escolas no município de Florianópolis. **Saude e Sociedade**, v.21, n.3, 2012, p.612–622. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300008>

LEITE, C. T. et al. Prática De Educação Em Saúde Percebida Por Escolares. **Cogitare Enfermagem**, v. 19 n.1, 2014, p.13–19. <https://doi.org/10.5380/ce.v19i1.35925>

LEPRE, R. M.; MARTINS, R. A. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v.19 n.42, 2009, p.39–45. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2009000100006>

LIBERATI, et al. The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. Philadelphia (EUA): **Annals of Internal Medicine**, v.151 n.4, 2009, p.65-94.

LOPES, G. T., et al. Dinâmicas de criatividade e sensibilidade na abordagem de álcool e fumo com adolescentes. **Revista de Enfermagem**, v.20 n.1, 2012, p.33–38.

MONTEIRO, É. P., et al. Curso de prevenção ao uso de drogas: Descrição e avaliação de satisfação. **Estudos de Psicologia**, v.21 n.3, 2016, p.328–336. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160031>

MOREIRA, F. G., SILVEIRA, D. X. DA; ANDREOLI, S. B. Situações relacionadas ao uso indevido de drogas nas escolas públicas da cidade de São Paulo. **Revista de Saúde Pública**, v.40 n.5, 2006, p.810–817. <https://doi.org/10.1590/s0034-89102006000600010>

NASCIMENTO, M. O.; DE MICHELI, D. avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução do consumo de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.20 n.8, 2015, p.2499–2510. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.15152014>

OLIVEIRA, E. DE; SOARES, C. B.; SILVA, J. DE A. Pesquisa-ação emancipatória com jovens escolares: relato de experiência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.37 n.3, 2016, p.1–6. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.03.62059>

PAVANI, R. A. B.; SILVA, E. F.; MORAIS, M. S. Avaliação da informação sobre drogas e sua relação com o consumo de substâncias entre escolares. **Rev. Brasileira de Epidemiologia**, v.12, n.2, 2009, p.204-216.

PEDROSA, S. C. et al. Educação em saúde com adolescentes acerca do uso de álcool e outras drogas. **Revista de Enfermagem Do Centro Oeste Mineiro**, v.5, n.1, 2015, p.1535-1541. <https://doi.org/10.20396/riesup.v6i0.8654896>

SILVA, K. L. da, et al. Reflexões acerca do abuso de drogas e da violência na adolescência. **Escola Anna Nery**, v.14 n.3, 2010, p.605–610. <https://doi.org/10.1590/s1414-81452010000300024>

SOUSA, I. DA C.; MACHADO, M. de F. A. S. Aprendizagem de professoras de ensino fundamental em oficinas educativas na saúde do adolescente. **Revista Da Rede de Enfermagem Do Nordeste**, v.12 n.4, 2011, p.716–723.

VIERO, V. dos S. F., et al. Health education with adolescents: analysis of knowledge acquisition on health topics. **Escola Anna Nery - Revista de Enfermagem**, v.19 n.3, 2015, p.484–490. <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150064>



Como citar este artigo (Formato ABNT):

BARBOSA, Vilkiene Natércia Malherme; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de; MOURA JÚNIOR, James Ferreira; PINTO, Alexandro Rodrigues; KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Revisão Sistemática: Prevenções ao Uso Abusivo de Drogas no Contexto Escolar Brasileiro. **Id on Line Rev. Psic.**, Julho/2022, vol.16, n.61, p. 100-114, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 20/06/2021;

Aceito 04/07/2022;

Publicado em: 30/07/2022.